

A IDEA



ORGÃO DO CLUB DOS ESTUDANTES

COMISSÃO REDATÓRIA: — Azevedo Maceda, C. Costa e Saldanha Sobrinho.

A IDEA

Curityba, 19 de Fevereiro de 1889.

LUZ !

Luz ! Luz ! Queremos luz !
Para que um povo possa ser livre, é
necessário ter instrução, é preciso luz.

Luz ! em nome da Liberdade ! Nos
somos americanas ! Na América tudo é
livre, na América tudo é luz.

Luz ! em nome da América !
Nós amamos a Patria ! Para que a
Patria seja grande, para que a Patria
seja livre, é preciso luz.

Nós somos moços ! Para nós, o Futuro
é tudo. Homens do presente ! queremos
ver um Sol iluminando o Futuro !

Luz ! em nome do Futuro !
Homens da política ! os moços pedem
luz !

Os moços estão unidos : um agrupamento
formidável.

Confraternizada, a mocidade para-
naense, indignada, brada, com voz re-
tumbante, em um canto titânico :

Luz ! A esta palavra sublime, simis-
tra para os mortegos, os homens da po-
lítica estremecem.

Luz ! E este brado ingente, proferido
pelos labios ardentes de milhares de
moços esperançosos (secundando) as espe-
ranças risomâs de milhares de crianças
repercutindo por toda parte, há de levar
aos corações empêdenhados de todos
esses homens um pouco de remorso.

Luz ! O reconhecimento é sete crime
execrando, e olhando para as suas con-
sciencias, esses homens ficarão mudos,
mudos de horror !

Já vos dissemos destas columnas, e,
agora repetimos :

Então, os homens da actualidade !

não tenhas filhos, não pensaes, por aca-
o no futuro ? Não sabais que a base
mais solida do desenvolvimento da vos-
sa Patria é a instrucção do povo ? Então
porque é que vós, que d'aquei a alguns
instantes houver de desaparecer da ter-
ra, não cumpris o vosso dever como
homens, como pais, ou como cidadãos ?
Porque sois tão egoístas ?

Sim ! Porque sois tão egoístas ?
Porque sois tão ambiciosos do po-
der ?

Maldição sobre vós !
Carácter ! Patriotismo ! Pudor !
Para onde fostes ?

Porque abandonastes assim a esses
homens ?

Oi seriam elles que vos abandona-
ram ?

Luz ! Exigimos luz !
Luz para essas crianças innocentes !

Luz para o Povo !
Escolas ! Mestres ! Livros ! Luz !

Luz ! em nome de vossos filhos !
Considerai que, si a Patria for des-
graciada no Futuro, os vossos filhos par-
ticiparão dessa desgraça !

Se vós, enquanto vivos, serais fei-
tes !

Parece que sois discípulos de Luiz
XV, parece que cada um de vós diz
como elle : Depois de mim o dilúvio !

E o dilúvio virá, e o Povo cansado de
sofrer, ha de fazer a Revolução !

Luz ! em nome da Liberdade !
Luz ! em nome da América !

Luz ! em nome da Patria !
Luz ! Luz ! em nome do Futuro !

A Patria

Patria ! Nome doce e sagrado !
Em ti resume-se uma época !

Amor da Patria ! Amor sublime !
Patria e Mãe — nomes irmãos !
Um dia nasce a criança, sem saber
onde. Pouco importa Ihe. Ela tem uma
Mãe e é isto Ihe.

Depois, sob os carinhos ternissimos
da Mãe, ela vai crescendo...

Respira o ar oxigenado do local onde
nasceu, e, com elle, o seu sangue avigo-
ra-se.

E a criança já vai sabendo brincar...
Para brincar, ella sai pelos campos,
correndo atrás de borboletas multicores,
e contempla, aparentemente indife-
rente, o céu limpidamente azul da Pa-
tria.

Mas, aquelle céu impessoal a aquie-
cendo fica-me indecível a memória.

O céu da Patria, céu querido !
E a criança é uma-se moço.

O moço estuda, o moço pensa, o moço
compreende e o moço ama.

Enquanto no seio da família, em-
quanto nada comprehendia, enquanto
criança, elle só amava a sua Mamãe, o
seu Papai, as suas irmãs.

O Papai voou-lhe tão cedo, como
aqueilla borboleta branca que escapara-
se-lhe, voando nervosamente pelo azul,
e deixando-a tão triste !

Pobre criança ! Tão pequenina e o
Papai voar-lhe, assim, tão cedo !

Depois, acostumado a contemplar
sempre o mesmo céu azul, o mesmo sol
vivificante, a mesma luar saudosa, as
mesmas estrelas, sempre lindas, o moço,
antes de amar a donzella, amou a Patria !

O amor à Patria é o mesmo amor à
Mãe.

Amando a Mãe, aprende-se a amar a
Patria.

Quem não ama a Patria, nada ama.
Eu amo a minha Patria como amo a
minha Mãe.

E, como choraria si visse afeita a
minha querida Mãe, eu choro no cora-
ção, olhando a minha Patria na actuari-
dade.

Oh! que miseria! Pobre Patria!

Ha dois annos apenas, eu era criança; nada comprehendia.

Quando o meu espírito acarrou-se um pouco, quando, estudando, eu pude comprehender alguma cousa, senti-me horrorizado!

Eu esperava cousa melhor, tinha mesmo o direito de esperar cousa muito melhor.

Agora, que eu comprehendo tudo, fico indignado contra toda essa miseria, contra todo esse aviltamento, contra toda essa apatia esmagadora, em que, ao sair das brumas da infancia, venho encontrar a minha Patria.

Lendo a Historia, estudando, meditando, eu cheguei a comprehender o Povo, chegou a comprehender a Revolução Francesa, cheguei a comprehender America, chegou a comprehender a Liberdade; comprehendi Lincoln, comprehendi Desmodouins, comprehendi Iradentes, comprehendi Bolivar, comprehendi Canaval e soube que, quando eu tiver 21 annos, um dia chama-me o seu subdito!

E tudo isso indignou-me.

Como eu, todos os moços terão passado pelas mesmas esperanças e pelas mesmas deceções.

Moços! Toda nossa esperança está no

Futuro. E' preciso que o Futuro não seja nego como o presente.

Trabalhemos! estudemos! lutemos! A America é livre e nós somos americanos!

Dartamos a vida pelas nossas mães. A nossa Patria agonisa, a nossa Patria morre, asphyxiada pela corrupção.

Moços! Salvemo-la!

Carityba, Fevereiro, 89.

SALVADOR SOBRINHO.

Sena Madureira

Sena Madureira

Fazem hoje 21 dias, que vítima desse acesso pernicioso, faleciam no Rio de Janeiro o ilustre cidadão e bravo militar tenente-coronel Antônio de Sena Madureira.

De carácter ativo, independente e da mais fina tempera, esse distineto cidadão era o mais ousado e o primeiro dos combatentes pelos direitos da briosa classe militar, direitos que não deviam ser postergados jamais!

Oficial distinto, soldado valente, e mais que tudo, personificação d'un carácter nobre e ativo o da honra militar, o donodato campeão dos direitos do exercito, conquistou a simpatia

da amizade do exercito brasileiro, dos seus irmãos d'armas, e a sua querida traga na phalange heroica dos combatentes ousados e ativos um sulco que muito difficilmente, por desgraça do exercito, será preenchido, porque, em geral, a corruptão do governo quebra a bella independencia e caracter e a ousadia de quem julga ter direitos, em um paiz onde o direito não é respeitado.

O ilustre morto, muito e muito se salientou entre os seuscompanheiros, pois que era o ativo advogado da honesta militar; era para elle que se voltavam todos os olhares desse paiz, no momento em que erguia-se ativo e obranceiro no meio da luta para profligiar os erros do nosso infeliz governo que pouco a pouco se despenca pelos degraus da immoralidade.

Junto ao seu tumulo, as imagens inconsoláveis da Patria desgrehnada e da honra militar velam o sonno eterno de seu filho e de seu defensor, para quem se abrem as páginas imortais da Historia, e pelo qual se contrairam muitos corações no revoiver de amargura saudade...

Paz ao batalhador que caiu no meio da luta, e pezames à família, ao exercito e à Patria.

allumada pela tua claridade de lucidum quem esperas?

Porque brilham em teus olhos de vedado essas mudas e expressivas lagrimas?

Que dor transsturna teu rosto more no, tão formoso e gentil...

Consola-te, apaixonada e desditosa Zaira...

Gasa teos brandos suspiros com os atavios queixumes da brisa! Enxuga o pranto crystallino nos fios assetinados de teu negro cabello...

III

— «Ah!... como padego... Iata o levanter se não temia accendido com os fogos do crepusculo, e já estava eu aqui, entre estas ruinas assustadoras, donde as auras levantaram lugubres gemidos... Talvez meu pai e meu noivo, montados em seos ligeros corcos, procurem me affictos... Meu pai, o autor de meus dias, o ancião que tantas vezes secou minhas lagrimas de moça em suas cans-prateadas pelo gelido sopro dos annos; meu noivo, o companheiro de meos folguedos, o amigo sincero e leal, meu guia atencioso e guarda dedicado.... Mas,

Simão descancava a monstruosa cabeça nas amedrontadoras trombas de areia, e deixava a melancolica aragem, perpassando, acentual e em seu leito revolto...»

II

Quem procuras, oh filha do deserto? quem procuras, oh filha do deserto? quem busca entrever na arida planicie para que, lembranças de um passado in-

nocente e feliz, vinde despertar em minh'alma recordações tão meigas e cruas?... Para que, quando não posso voltar aos logues onde passei meus primeiros dias?...

Por ventura deseja a mulher seduzida procurar aqueles a quem despidamente tenho?... Tendo elles compaixão para tua victimá do amor? Não: «é tarde... é muito tarde!...»

E com horror que lembro-me dos que mais estimo; sim, porque viram arrancar-me dos braços do pântano estranheiro, por quem vivo e estremeco... Era pela manhã, quando elle deixou-me, prometendo voltar... o sol descreveu seo curso costumado; a lua já declina no occidente... e o meu amor, minha vida, não tornou ainda a logar onde por elle suspiro!...

Sinto abandonar me a esperança: a fraqueza apodera se de meos fatigados membros; o pensamento desvia-se; turva-se me a vista...

Vem, pântano estranheiro!... vem depressa! que tua Zaira desfalece de saudade e dor!...

A jovem uniu as mãosinhos em attitudde supplicante; os joelhos curvaram-se; e a encantadora fronte pendeu-lhe para o peito anhelante...

Noites de Agosto

S. Ribeiro

Por estas noites frias e brumosas
E que melhor se pode amar, querida
Nem uma estrela pallida, perdida
Entre a nevoa, abre as palpebras...
(Víosas...)

Mas um perfume callido de rosas
Corre a face da terra adormecida ;
E a nevoa cresce em grupos repartida,
Enche os ares de sombras vaporosas.

Sombras errantes, corpos nus, ardentes
Carne lasciva... um rumor vibrante
De attacatos longos e de beijos quen-
(tes...)

E os céus se estendem palpitando, cheios
Da ténula branura fulgurante
De um turbilhão de braços e de seios.

Olavo Bilac.

O PRANTO E O RISO

Em um velho feliz e alegre
Tinha sua esposa, seus filhos, seus
parentes, seus amigos ; nada lhe fal-
tava : seu aspergimento era sómente: vi-
ver porque ele achava deliciosa a
vida.

Ele estava só e pensava talvez na

Era como a mimosa flor, desabrocha-
da ao levantar do orvalho, pendendo
emmurechecida aos últimos raios de sol.

IV

A lúa continuava alumiano triste-
mente o adormecido deserto ; a brisa
desprendia mansas e apaixonadas ge-
midas ; as ruínas reproduziam na areia
suas phantasticas formas.

Um homem, pálido e formoso, arque-
jante com os lábios encrespados, o olhar
immóvel, procurava, entre as ruínas,
abaixando-se a cada instante, algum ob-
jecto precioso... Inesperadamente tro-
peçou em um corpo estendido no solo :
era corpo feminino, esbelto e gracioso.

— Zara ! o bradou o desconhecido,
abraçando-se ao corpo inanimado...

As som d'aqueila voz, que lhe era tão
meiga ; ao sentir o objecto de seus pen-
sares ; a jovem arabe despertou do mor-
tifero letargo :

— Eusebio ! exclamou, conchegan-
do a si o querido mancebo.

— O... ainda vive... Louvado se-
jas, Senhor !...

— Adeus !... murmurou a jovem,
desprendendo o ultimo alento.

Abelis.

vida, e eu o contemplava occultamente.

No meio daquelle pensar, eu vi ro-
larom pelas suas cans duas bagas de
lagrimas : o velho chorou

E eu pensei que o velho sofria
qualquer cousa.

No mesmo instante elle sorrio : a
lagryma transformou-se em riso. E
disse consigo:

— Lagrymas ! Para que estas la-
grimas ? Para que chorar, si en sou-
tao feiz, si de meus labios só devem
sair risos ?

Oh ! mas o pranto foi feito para a
dor e para o prazer.

Seu autor é o coração. Chora quando se deve chorar e chora-se quando se deve rir : no primeiro caso chora-se porque qualquer dor nos opprime ; no segundo, porque a alegria superdose no coração, deposito das sensações mais sublimes.

E quem me diz que o riso não ser-
ve também para o prazer e para a
dor ? O homem ni na occasião em
que qualquer cousa se harmoniza
com as paixões dos seus sentidos, pro-
duzindo o que se chama — prazer. Elle
ni acha diante de qualquer impres-
são de horror, ri-se para atrair blas-
phemias contra a injustica dos ho-
mems, contra a sociedade, contra o
mento de ilusões em que vivemos ;
mas, entao, o seu riso é outro : E' um
riso sarcástico, dorido, que vale qua-
si o mesmo que o pranto, que escar-
nece, que lastima a depravação hu-
mana. Este ri-se de dor, ri-se de hor-
rorizado !

«Chora-se para a dor e para o pra-
zer, ou ri-se para o prazer e para a
dor : eis o pranto e o riso, palavras
antonymas, tornadas synonymas »

E levantou-se.

O pranto e o riso são suavisadores
da vida.

Alexandre Herculano disse : « Que
fôra a vida si nela não houvera la-
grymas ? » e tal acrescento : — E si
não houvera risos ?

Curityba, — Janeiro de 89.

Azevedo Macero.

— 0 —

Louquinhha

Louquinhha... tu tens uns risos,
Premidos, frescos, alegres ;
São castos... são paraisos

Os tens risos.
Tremidos, frescos, alegres.

Louquinhha... tu tens uns beijos,
Molhados, quentes, macios...
São punhais de mãos desejos

Os tens beijos,
Molhados, quentes, macios...
Louquinhha... tu tens uns olhos

Onde naufrago em ardencia,
são uns accesos abrolhos
Os tens olhos,
Onde naufrago em ardencia.

Louquinhha... tu tens uns seios,
Ondados, voluptuosos,
são catarcetas de aneios
Os tens seios,
Ondados, voluptuosos.

Hugo LEAL.

O beijo

(A PLETEXTATO TABORNA)

O beijo é necessário.

Um homem que morresse sem nunca
ter beijado faces roseas de mulher bonita,
não temia vivido.

O beijo é a vida.

A criança renasce ao influxo doce do
beijo materno.

O beijo de Mãe é a pureza, a sublimi-
dade do beijo.

Uma menina, beijando uma flor, é um
anjo.

Quando dois amantes se beijão nos la-
bios quentes, a alma communica-se-lhes
pela boca.

O beijo de amor, traz consigo pedaços
de corações.

O beijo faz referir o sangue nas veias,
dando-lhe um vigor sobrehumano.

Não ha amor, sem beijo.

O beijo é o interprete do coração.

Sendo assim, o beijo deve ser sempre
digno, sincero : si não, elle pode ser tudo,
menos beijo.

O estalo suave de um beijo de mulher,
produz-me, nos nervos impressionaveis,
uma sensação extraordinaria, indefinivel : enlouquece-me.

O beijo é tão necessário como o riso ou
a lagryma.

Elo serve para a alegria e para a dor.
Beija-se, riendo e beija-se, chorando !

Alexandre Herculano disse :

« Que fôra a vida, si nela não houvera
lagrymas ? »

O Macaco acrescenta : « si não hou-
vera risos ? »

Par mihi voz, eu digo : E si não hou-
vera beijos ?

Curityba, Fevereiro — 89.

S.

Frutas e rosas

(Campoamér)

Uma rosa entre fructas, minha amada,
Um dia eu te mandei... tu que me escu-

Dize: porque essa boca perfumada
Beijou a rosa sem comer as fructas?

Uma outra vez eu fiz te igual presente,
Rosa entre fructas... mas porque formo-

Essa boca a se abrir avidamente
Comeu as fructas sem beijar a rosa?

Raymundo Correia.

Noticiário

XIV

O JORNAL DAS CRIANÇAS

Com esta epígrafe, a mesma do nosso editorial do numero 9, o nosso nobre e valente colega da «A República», inspirado talvez nas nossas palavras despretenciosas, mas nascidas do coração, lançou no seu n.º de 11 do corrente um notável artigo, cheio de palavras animadoras para nós, embora exagerando muito os nossos merecimentos.

O nosso digno colega, dizendo tudo aquillo, procurando animar aos moços, não fez mais do que cumprir o seu dever de patriota, porque auxiliar a mocidade a trabalhar pela Pátria, pelo Futuro.

Por isso, nós lhe enviamos d'aqui uma saudação fraternal, entusiasticamente sincera.

ATTENTADO

Um moço, daimião, ruimini surdamente entre nós um attempto sinistro contra a luz.

Um corvo de batina, um representante das trevas, um repugnante adversário da luz acaba de pedir licença ao governo para ensinar a carólia nas escolas públicas!!

E, o governo conceder-lheá!!

Isto nos enche de uma indignação santa.
Na escola, nesse sanctuário de luz, não muitas senhoras,

pode ter ingresso o moço.

Cada escola tem o seu mestre, que deve ser ilustrado, e que, portanto, sabe educar os seus discípulos sem precisar recorrer à cartilha.

O padre quer ensinar moral; e ele é o mais incapaz para isso.

A cartilha atraiu, além disso, o espírito da creança.

O padre que se contente com os ignorantes que já existem e que não quer formar novos.

Roma pertence ao passado.

E nos dizemos como Victor Hugo:
«Respeitamos em um ou outro ponto e pouparamos no seu todo o passado, com tanto que elle se recomeda morto. Se quizer ser vivo atacal-o humos e bairremos mata-lo.»

Em nome do futuro, protestamos energicamente contra essa intervenção do padre na escola.

Protestamos! A criança precisa de luz, luz! e o padre irá ministrá-lhe somente trevas!

Na escola, o padre não pode entrar para fora, torto!

Mochi! O teu logar é lá, nas ruínas do passado!

CLUB CURITYBANO

Esta sociedade que até há pouco, de itineraria tinha só o nome, tem ultimamente renascido.

Fomos sido gentilmente convidados pela digna Directoria para assistir a utilíssimas conferências literárias e científicas que ali se tem realizado.

Abriu a série das conferências o Sr. Contego M. Vicente da Silva, que disse sobre a *teoria científica* — a origem e natureza do homem —, aceitando, naturalmente, as teorias bíblicas.

O orador mostrou-se um homem de talento e elevada ilustração; mas expôs o modo de pensar sobre a origem do homem, sem fundar-se em factos positivos que comprovassem as suas teorias, com as quais não concordamos.

Realizou-se a 2ª conferência, a 2 da corrente, o sympathico ir. Dr. Gastão da Cunha, que, dissertando sobre a *teoria filosófica de hoje*, mostrou-se quasi inteiramente de acordo com o orador precedente, revelando, entretanto, profunda ilustração e muito estudo.

As conferências estiveram presentes

Louvamos a Directoria do Club pelo bello acto de tentar espalhar a luz entre a população curitybana, e, penhoradissimos, agradecemos o amável convite.

CENTRO TYPOGRAPHICO

Inaugurou-se, ha dias, neste capital, a sociedade — Centro Typographic Paranaense, na qual aggrejam-se, com fins muito louváveis e dignos, os nobres artistas — discípulos de Gutemberg, que com o seu trabalho honesto, concorrem poderosamente para a difusão da luz pelo cérebro popular.

Na sessão inaugrativa, esta redacção elegeu representar pelo nosso collega Saldanha Sobrinho.

Aos sympathetic artistas, que comprehendiam finalmente que só pela uniao é que poderão realizar os seus ideias, enviamos uma sincera saudação e pedimos que não desanimem.

ERRATA

No artigo — *Carta ao público* — que publicamos no nosso ultimo numero, sahiram, por engano de revisão, alguns erros de grammatica, que o leitor inteligente e sem malícia, terá sabido corrigir e desculpar.

GUARAPUAVA

Nesta cidade do interior, uma associação instalhou, no dia 9 do passado, uma aula de ensino primário e secundário, dirigida pelo Sr. professor Augusto Domingos.

No acto da instalação, realizou-se num dos prelos do Sr. Francisco C. L. Rocha, iniciador da fundação da referida aula, fizera discursos os Srs. Rocha e Dr. Alves Pinto.

A fundação desse aula é directamente um protesto à supressão de escolas, e indirectamente, tal contra protesto a um certo protesto...

Editorial

DESP. INDIA

Ausentando-me desta província, vendo por este meio despedir-me dos meus amigos, colegas, e parentes, oferecendo-me um limitadissimo prazo em São Paulo, onde permanecei algum tempo.

Curitiba, Janeiro de 89.

Emmilio A. de Leão.